



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Marília



CULTURA  
ACADÊMICA  
*Editora*

# A saúde como estilo e o corpo como objeto de intervenção

Bóris Ribeiro Magalhães  
Thiago Teixeira Sabatine

**Como citar:** MAGALHÃES, B. R.; SABATINE, T. T. A saúde como estilo e o corpo como objeto de intervenção. *In:* SOUZA, L. F.; SABATINE, T. T.; MAGALHÃES, B. R. (org). **Michel Foucault:** sexualidade, corpo e direito. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.p133-154. DOI: <https://doi.org/10.36311/2011.978-85-7983-136-2.p133-154>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## A saúde como estilo e o corpo como objeto de intervenção

Bóris Ribeiro de MAGALHÃES

*Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais -*

*Unesp - campus de Marília*

Thiago Teixeira SABATINE

*Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais -*

*Unesp - campus de Marília*

A cultura contemporânea cria vários dispositivos para a correção e transformação do corpo, como uma imensa empresa de normalização, viabiliza a mudança de hábitos e estilos de vida para parâmetros considerados normais e saudáveis, e investe nos instrumentos, nos desempenhos corporais sob a aposta da constituição de subjetividades reguladas, esboçando de outro lado, uma repulsa cada vez maior sobre aqueles que ousam experimentar a corporalidade fora das medidas regulamentadas pelo poder disciplinar.

O corpo não escapa à história, e nem se constitui apenas em decorrência da lei fisiológica, cria resistências em relação às injunções biológicas, culturais ou políticas que definem medidas normais. Em sua materialização há os resquícios de inúmeras alterações cotidianas e as marcas corporais servem como objeto para verificar a luta que se trava pelo seu domínio (FOUCAULT, 1989, 2006a).

Michel Foucault (1989) sublinhou que o corpo é local onde se manifestam os efeitos do poder e também território para resisti-lo. Suas considerações permitem verificar o modo como as relações de poder moldam e adestram os corpos para o consumo diário no mundo moderno.

Com incontestável valor no imaginário social, o corpo tornou-se o lugar onde se decifra a fisionomia do indivíduo, uma fronteira que marca e distingue um dos outros, instrumento de experimentações e feixe denso de relações que conecta o homem ao mundo (LE BRETON, 2006).

No corpo incidem as estratégias de poder, tornando-o objeto dos investimentos sociais que dão passagem à produção das diferenças, espelhadas na contemporaneidade através da valorização dos símbolos da saúde, da beleza, da felicidade e da qualidade de vida, confundidos com os modelos físicos que fazem o espetáculo efêmero do corpo, modelos esses que servem para definir as exigências disciplinares de autocondução cotidiana dentro dos parâmetros normativos.

Neste contexto, modelos são construídos nas passarelas, sob a direção de ícones da alta costura. Corpos siliconados são projetados e assinados por elites da cirurgia plástica, assim como, os corpos sarados, magros e esbeltos rigorosamente submetidos às ínfimas métricas que determinam a aparência física enquanto símbolo do cuidado corporal.

Os mecanismos que impulsionam a adesão aos estilos de vida pautados pelo cuidado corporal e saúde acionam a responsabilidade reflexiva para condução de si. Valoriza-se a vigilância e o autoexame no processo de cuidado com o corpo, a partir das propostas de autoperitagem para o reconhecimento das possibilidades físicas de experimentação de diversas identidades (ORTEGA, 2004).

O predomínio da disciplina como ideal e valor a ser praticado pelos indivíduos foi imposto na paulatina investida do poder sobre o corpo, expressando o ethos ascético que direciona ao cultivo da sua imagem, exibindo, por sua vez, estilos de vida modulados pelo desejo de participar dos valores da cultura dominante que constituem os modos de vida considerados normais (MISKOLCI, 2006).

O modo de produção das subjetividades contemporâneas aposta na adequação aos modelos de expressão corporal, e vincula as promessas

de liberdade e prazer nas verdades agenciadoras de desejos, submetendo o corpo aos parâmetros que engendram o sentimento de realização pessoal uteis aos dispositivos de poder (FOUCAULT, 2005a).

O desejo que incita ao cultivo da aparência e da saúde atinge tanto homens e mulheres na busca por recursos de manipulação física para a vivência do bem estar e da sedução. O desnudamento dos corpos que atinge as representações e as práticas cotidianas reforça a magreza como um atributo sensual e sexualmente desejável, permitindo que atos propriamente estéticos desde a cirurgia plástica, como a lipoaspiração, e sua versão mais disseminada como o consumo de medicamentos com ou sem prescrição médica reflita na ansiedade por fórmulas rápidas de ajuste a aparência física desejada, como parte integrante de uma luta pelo direito ao prazer sexual (SOHN, 2008).

O processo de adequação a essas normas promete a felicidade, implicando a obediência aos valores dominantes. Aqueles que não consomem vorazmente as sofisticadas biotecnologias, os cosméticos, as cirurgias e as próteses que favorecem a modelação corporal passam a experimentar um constante de sentimento de desajuste e descrédito, e estigmas perante a sociedade.

As transitoriedades das concepções de beleza num mundo onde as referências tradicionais se transformam rapidamente implicam em formas passageiras e inconstantes, cujas possibilidades de vir a ser um corpo apto às exigências revelam uma ética que induz a experiência de constante sentimento de inadequação, pois nada produzido no corpo é estável suficiente para sustentá-lo como símbolo de beleza (MISKOLCI, 2006).

Nesse tortuoso processo de adequação às exigências disciplinares para a boa condução da vida, aos indivíduos que não se submetem são atribuídos os estigmas que os tornam alvos de vários processos de patologização. Esse procedimento revela um mal-estar que pode acionar a crise e capturar o corpo por meio das técnicas de correção, sem alterar as condições pelas quais se processa o desajuste social.

No consumo das técnicas de transformação os indivíduos encontram possibilidades de adequação corporal as injunções normativas de controle e disciplina que viabilizam pertencer às esferas sociais

hierarquizantes, que dão a tônica as formas de visibilidade positiva, e ao reconhecimento social.

Desta forma, os indivíduos aptos ou não experimentam a corporificação das posições sociais ocupadas, e uma crescente naturalização das práticas políticas e das desigualdades sociais, que afetam a sua produção enquanto responsabilidade individual. Pautada no lucro e na ânsia de renovação constante,

A sociedade contemporânea não cansa de propor meios técnicos para solucionar questões que apenas modificações sociais profundas seriam capazes de resolver. É como se, diante das desigualdades econômicas, propuséssemos vestir com uma roupa cara um indigente ao invés de criar condições para aumentar sua renda. Sem dúvida, a corporificação das identidades é reacionária em muitos sentidos. O primeiro é o fato de que tal corporificação reduz toda a complexidade humana às suas formas físicas e visíveis. O segundo é permitir que desigualdades sociais e econômicas sejam interpretadas como produto da mera adequação ou inadequação individual a modelos e normas supostamente incontestáveis. Não sejamos ingênuos, o que se apregoa como beleza é a norma social de que devemos ser jovens, “brancos”, masculinos e, é claro, ricos. (MISKOLCI, 2006, p.686).

Discursos incitam marginalizados economicamente ou não através da mecânica de normalização a experimentar o sentimento de pertencimento aos modelos sociais; práticas irrisórias como o consumo de grifes (originais ou não) permitem atuar cotidianamente frente às posições sociais que revelam estilos de vida, e podem confundir com status econômico ascendente.

Essas nuances do caleidoscópio discursivo e das práticas cotidianas atuais permitem sensações experimentais instantâneas, e induzem aos consumos de estilos de vida efêmeros não condizentes com as possibilidades reais que permeia a inserção dos indivíduos na sociedade.

Dentro de estilos cuidadosamente elaborados para o consumo social, as estratégias que subordinam o corpo encontram prerrogativas normalizadoras em um exército de técnicos treinados (maquiadores, cabeleireiros, manicuras, massagistas, cirurgiões plásticos, médicos e fisicultores), que formam o cenário da asséptica aparência física e da qualidade de vida tangenciada pelas hierarquias sociais.

Os novos critérios da condução da vida elegem o cuidado com o corpo o meio de controle das anormalidades e de inserção na competitividade da cultura econômica. O corpo sob a apreciação do saber técnico-científico é submetido a variados exames e no recorte de suas superfícies se determina a face da pessoa, seus hábitos e aptidões sociais (FOUCAULT, 2006a).

As mensurações indicam o corpo adequado às exigências normativas, que disciplinam a vida biológica bem vivida e condenam aqueles em que se verificam indisposições como IMC inadequado, estatura incompatível, níveis de diabetes, colesterol, ou diversas substâncias químicas e orgânicas que possam ser detectadas e observadas como sinal negativo à boa condução da vida.

Nas diversas manifestações das práticas discursivas surgem diariamente as variadas indicações de como se manter adequado nas medidas que definem o bem viver. E como os manequins de gesso nas vitrines dos *shoppings* ou em ruas destinadas aos mais variados níveis de consumidores, o corpo se destaca como cabide, sustentáculo do belo e, sobretudo como símbolo de saúde.

As fábricas se globalizam e, da Chanel a Louis Vuitton, tudo pode ser encontrado e consumido. A lógica do consumo como mecanismo de inclusão social encontra hoje seu avatar no excesso de ingestão de alimentos. Da *nouvelle cuisine* ao churrasquinho de gato, o corpo freme na experimentação dos sabores que acentuam a linha tênue entre o normal e o patológico.

Na variedade viva do capitalismo, as desigualdades econômicas não desestimulam a ânsia pelas mercadorias, sejam elas originais, ou disponíveis no camelô. Afinal, tudo se copia, e dos manequins das grandes grifes internacionais aos múltiplos modelos que sustentam a apresentação da vida no duro espetáculo cotidiano, a ótica social converge para o corpo que melhor aprege os valores de beleza, volúpia e sensualidade, agenciando os desejos que ditam a produção dos artefatos que serão objeto de sonhos, e dos devaneios que se estendem em direção aos corpos magérrimos, que balançam desajeitadamente nas passarelas.

A meticulosa insistência do poder sobre a disciplina do corpo não trata de uma mecânica repressiva na qual bastaria romper os interditos dos prazeres corporais para se libertar. O poder não imprime apenas manifestações

negativas, não organiza apenas silêncios, mas faz circular saberes e discursos sobre os prazeres anormais mesmo que para condená-los, permitindo sua objetivação, sua constituição como objeto do poder e de libertação, ao mesmo tempo artifícios de revolta e sujeição (FOUCAULT, 2005a). Nesta incitação do poder que libera e interpõe condições para o viver:

O corpo se tornou aquilo que está em jogo numa luta entre os filhos e os pais, entre as crianças e as instâncias de controle. A revolta do corpo sexual é o contra efeito desta ofensiva. Como é que o poder responde? Através de uma exploração econômica (e talvez até ideológica) da erotização, desde os produtos para bronzear até os filmes pornográficos... Como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas controle estimulação: “fique nu [...] mas seja magro, bonito, bronzeado!” (FOUCAULT, 1989, p.147).

Nas vitrines das academias, corpos malhados espalham vigor e ação normalizada, e no entra e sai das lojas de suplementos alimentares, revelam-se as adaptações ao estilo de vida apelando para uma expressão saudável. Através das inovações do mercado das biotecnologias o corpo pode ser desfigurado e recolocado dentro das perspectivas que o desenham (SEGURADO, 2005).

Nada no corpo fica imune aos processos de intervenção e transformação. E no dia a dia das atitudes sociais relacionadas ao corpo há sempre a constante preocupação em apresentá-lo bem. Longe das passarelas e das propagandas da mídia, no tumulto dos centros de consumo, os corpos se comprimem em busca da sua cota cotidiana de *glamour*. Longe das imagens e dos *flashes* das passarelas ficam entregues à vigilância ininterrupta expostos com seus suores, cheiros, excitações, doenças e anormalidades na mira das relações de poder.

Em locais privilegiados, clínicas médicas enunciam o cuidado e o bem-estar do corpo. Dietas, cirurgias, remédios, médicos são propagados como bens a serem utilizados. Os discursos do bem-estar, do consumo e da saúde confundem-se. Para melhorar o corpo, para dominar os males que o atingem e para tê-lo saudável basta consumir. A saúde como estilo, o corpo como objeto de intervenção.

Estas relações afetam os significados de saúde adstritos ao consumo, dos equipamentos e técnicas preventivas, das curas médicas às drogas, ou

dos seguros e planos de saúde, revelando a ansiedade contemporânea em banir cada de vez mais do espaço público a dor e o sofrimento. Aqueles que adoecem revelam-se incapazes no cuidado com a própria vida, passando pelo escrutínio dos diversos equipamentos médicos que atestam e determinam a patologia e as estratégias de administração da vida (AUGUSTO, 1992).

De outro lado, a contra face das determinações médicas levam a recorrência multiplicada do consumo de medicamentos para problemas corriqueiros que não impossibilite os desempenhos cotidianos, como as dores de cabeça, as dores musculares, febres, problemas de digestão, angústias, estresse, o emagrecimento e muitas outras.

A profusão de modos hedonistas e narcisistas para a condução da vida torna o corpo palco de experimentações, cujas engrenagens levam a rupturas entre o certo e o incerto, produzindo as anorexias, vigorexias, obesidade, compulsões, vícios e doenças de diversos matizes.

Para além da forma, o “gordo” revela a difícil tarefa de manter um corpo saudável associado na atualidade com a aversão à gordura, que define sujeitos incapazes de manterem-se sob um regime alimentar e físico disciplinado (MAGALHÃES, 2008).

O excesso de peso expõe os corpos a processos que indicam o anormal, indolente, desregrado ou sujo, e a difícil tarefa de adequar as injunções discursivas, seja para carregar a identidade estigmatizada na vivência do risco e sob a permeabilidade das punições, ou submeter aos efeitos das tecnologias de transformação que se estendem na medicina, nos salões de beleza ou nas garrafadas dos regimes caseiros que prometem milagres na redução da gordura corporal.

Na transformação corporal do obeso uma técnica que chama atenção pelo recurso que utiliza e o resultado que expressa é a dos *Vigilantes do Peso* (VP). Os VP, com sua tecnologia transformadora operacionalizam as mudanças de hábitos e viabilizam estilos de vida considerados saudáveis, dentro dos critérios do Índice de Massa Corporal (IMC), estimulado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), assim como, permite a experimentação de diferentes identidades.

Entre o gordo doente e sua transformação para magro e sadio as relações de poder acionam processos de normalização ajustando ao estilo

de vida. Nos VP é possível ver em jogo as evidências cotidianas dos micropoderes que objetivam a condução para o emagrecimento, as modalidades que favorecem o funcionamento das normas, suas exigências e efeitos de poder exercido na conformação das subjetividades em sua aderência ao dispositivo.

As tecnologias corretivas acionadas no programa trazem o estigma revelado pelos próprios obesos como categoria de identificação que descreve a condição da doença e permite a responsabilização pela saúde através da vigilância e controle sobre o peso corporal, dentro do cálculo transformador do IMC.

O IMC é o cálculo da multiplicação da altura por ela mesma (em metros), dividido pelo peso (em quilogramas). Os índices menores que 18,5 indicam magreza, o peso saudável fica entre 18,5 e 24,9; sobrepeso entre 25 e 29,9; e a obesidade grau I acima de 30 e 34,9; grau II (severa) entre 35 e 39,9 e grau III (mórbida) acima de 40. Trata-se de uma definição médico-nosológica baseada nas medidas do corpo.

Não há um consenso sobre as causas e os efeitos em termos de saúde e de expectativa de vida em relação à obesidade, ela aparece em meio à biopolítica contemporânea, como princípio causal disperso e de ampla repercussão na produção discursiva do risco a variadas doenças (denominadas crônicas não transmissíveis, como as cardiovasculares, hipertensão, câncer, diabetes, osteoporose, entre outras), e na noção de deficiência, que em função do dano repercute na incapacidade do doente a atividades da vida cotidiana.

Segundo Ortega (2004) o conceito de deficiência foi oficialmente utilizado para dimensionar as forças de trabalho disponíveis na Inglaterra durante a Segunda Guerra, e se disseminou na política contemporânea a base dos critérios para identificação das diferenças físicas, étnicas e sexuais.

O conceito de deficiência além de imputar características negativas, investe um contra poder no reconhecimento da diferença. Os estigmas, as violências, as dores, as privações, as doenças permitem reivindicar déficits a serem compensados pela sociedade.

Desta forma, impulsiona a formação de grupos pautados na diferença, como grupos da terceira idade, de LGBT, de alcoólatras, de

“gordos” que reivindicam a autonomia para se vigiar e se regular dentro dos critérios úteis para os fins sociais.

As barreiras impostas às pessoas com peso excessivo suscitam preocupações que se estendem das adaptações arquitetônicas, ao exercício de atividades no mercado de trabalho, como a discriminação e o impedimento no seu acesso, ou a locomoção nos espaços apertados do transporte público seja ônibus, metro, avião, entre outros; trazem a evidência da luta para compensar os déficits de um meio hostil, que impedem a vivência com qualidade e direitos constituídos em meio à aura da regulação biopolítica.

Gilman (2004) advertindo a favor de uma compreensão cultural da obesidade como produto de novos parâmetros sociais e agenciamentos culturais, demonstra a doença emergir nos processos estigmatizantes, que implicam a desqualificação moral dos corpos afetados, e o desenvolvimento de mecanismos de contenção das anormalidades.

A história dos corpos obesos revela o investimento dos discursos sobre o risco à saúde, assim como formas de segregação e de manipulação das identidades corporais, que afetam vidas consideradas diversas da perspectiva religiosa, científica, ou produtiva, frente aos parâmetros sociais impostos nas mais diferentes circunstâncias políticas.

No discurso religioso, científico e moralizador acerca da obesidade entre os judeus durante o século XIX e XX, Gilman (2004) apontou a presença de um racismo antisemita nas convenções sobre a doença. Segundo o autor esses discursos enfatizavam a predisposição as doenças, evidenciadas pela raça e genética, diabetes e a associação da gordura como um sinal negativo no corpo.

Frente aos mecanismos de mensuração e identificação científica da obesidade enquanto critério para o reconhecimento, Gilman critica a validade das convenções sociais que desqualificam o outro. Entretanto, as medidas criadas nos conjuntos instrumentais de identificação, como o IMC, não se sustentam em meio a um novo rearranjo global da condição física pautada no sobrepeso.

Quando se pensa as variações sociais, culturais e territoriais que mudam com o tempo e de sociedade para sociedade, essas medidas não refletem as diferenças culturais e as idiossincrasias corporais. Na agonia

dos reajustes físicos reverberam resistências a homogeneização da reprodução da conduta regulada para um corpo socialmente aceito.

Assim como as campanhas contra os cigarros enfatizam os males da dependência a nicotina e a probabilidade de riscos a saúde corroborando incitações medicamentosas e a punição dos fumantes, a obesidade revela que os alimentos afetam a autonomia dos sujeitos que podem viciar e se expor às compulsões que interferem nas formas corporais.

Conforme Giddens (1997) a compulsividade se generaliza na modernidade, que se torna “tradição sem tradicionalismo” impedindo o exercício da autonomia do indivíduo. Vive-se em um mundo repleto de repetições, impulsos e práticas de autonegação e da incapacidade de se escapar de um passado sem sentido, desconectado das verdades passadas.

Os mecanismos que atuam sobre a contenção e a produção dos corpos obesos permitem seu controle na desenvoltura da tecnologia moderna, pautada pela anatomia política que talha os corpos nas disciplinas e circunscreve as massas pela mecânica da biopolítica. As formas de subjetivação e de objetivação realizadas pelo discurso social ilustram os valores sócio-culturais que circulam ao redor do corpo e que tem o potencial de colocá-lo, em lugar comum na história da humanidade, em permanente situação de perigo (FOUCAULT, 1999).

Embora não se possa ficar desatento ao fato de que existem várias formas de ajustamento do corpo aos padrões socialmente aceitos, o corpo é emblema de desajuste social, de estigma, mas é também por onde passam os símbolos da vida e do vínculo social.

O que está em jogo na modernidade é a aposta de um poder que se exerce sobre a vida, regulando-a através das práticas discursivas. São criados meios de corrigir vidas que não condizem com os valores e padrões comportamentais expressos discursivamente como normativos e, portanto, toleráveis socialmente.

O corpo durante a modernidade foi objeto de constante atuação e intervenção do poder que através do desenvolvimento de tecnologias gestoras atuaram em sua contenção. Vários mecanismos de poder e diversas estratégias se voltaram para o corpo no sentido de extrair dele a força

necessária para a configuração da atual sociedade. Não devemos ter uma visão tradicional do poder, pois ele

é um conjunto de ações sobre ações possíveis; ele opera sobre o campo de possibilidade onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações. (FOUCAULT, 1995, p. 243).

O poder age sobre a conduta dos sujeitos, antevendo sua resistência e suas transgressões. A conduta é ao mesmo tempo ato de conduzir os outros e de se comportar atuando dentro de um campo mais ou menos aberto de possibilidades, que permitem a mudança de estratégias e a condução de si:

O exercício do poder consiste em ‘conduzir condutas’ e em ordenar a probabilidade”. O seu núcleo enunciativo esta em diversas localidades e seu objetivo esta na propensão a regência da ação do outro e, não no afrontamento entre dois adversários, não é um bloco maciço que pesa sobre as pessoas, mas algo que age com sutileza sobre ações na busca de conduzi-las. (FOUCAULT, 1995, p. 243 - 244).

O esquadramento da população a partir do século XVIII, articulado à emergência do poder disciplinar, permitiu o atual domínio político e a consciência individual do corpo, investimento que articulou a estimulação dos mecanismos e as práticas discursivas, como a ginástica e os exercícios físicos; o desenvolvimento muscular; a nudez; a exaltação do corpo belo, entre outros. A descoberta do corpo pelas tecnologias de poder conduziu à invenção cotidiana do desejo por si mesmo, dentro de parâmetros normalizadores. (FOUCAULT, 2005a).

## **A TECNOLOGIA DE CORREÇÃO DOS VP**

As disciplinas utilizam diversas tecnologias no exercício do poder sobre o corpo. Foucault evidenciou nas instituições disciplinares clássicas as nuances corretivas e seus efeitos sobre o corpo enquanto território da subjetividade. Nos hospitais, nas escolas, nas prisões o corpo é identificado e individualizado por meio do olhar, que requer adesão ao programa de transformação para fins uteis, configurados nos diferentes dispositivos que conduzem condutas (FOUCAULT, 2006a).

Em contraponto ao encarceramento tradicional, no cotidiano do século XX, se conduz o corpo, por meio das práticas de normalização que acionam a responsabilidade e investem nas sensações de liberdade criando a adesão voluntária aos programas corretivos, são facetas do poder que escondem o domínio exercido nos mecanismos disciplinares que invadem o autogoverno para efetivar-se nas práticas.

Os Vigilantes do Peso coadunam as práticas de normalização comuns a atual fase da modernidade, e oferecem prescrições dietéticas para os hábitos alimentares que regulam o processo emagrecedor e os cuidados físicos com o corpo, sem a necessidade de encarceramento.

No início dos anos 1960, em Nova Iorque, nos Estados Unidos, Jean Nidetch recebia em sua casa um grupo de mulheres interessadas em perder peso. Após aquela primeira reunião no bairro do Queens, os *Weight Watchers* espalharam-se pelo mundo na esteira da expansão do *American Way of Life*.

Com sessões de auto-ajuda e com um custo relativamente reduzido, se comparado a outras formas de terapia ou psicoterapia para o emagrecimento, os VP expandem-se de forma inquietante e atingem milhões de pessoas no mundo, sobretudo mulheres. No Brasil, o programa completou trinta anos de existência, sendo talvez um dos primeiros e mais disseminados programas de emagrecimento. Hoje conta com mais de 380 grupos, difundidos em cerca de doze Estados da Federação.

Toda semana, os membros dos VP confessam seus dilemas e angustias e seguem um programa de regime alimentar controlado. Nas reuniões e orientações encontram apoio emocional, motivação mútua e conforto para contornar a compulsão alimentar e os hábitos sedentários. A ênfase recai sobre o sucesso do regime de emagrecimento que revela o controle da compulsão alimentar.

Os VP apresentam as pessoas com obesidade ou sobrepeso a oportunidade, sem cirurgia, de transformarem seus corpos e de aderirem aos modelos culturalmente hegemônicos, que associam corpo magro à saúde física e mental. Os VP agem como programas de adestramento mental. Eles pretendem normalizar o corpo, ajusta-lo às especificações estabelecidas no contexto da sociedade de consumo.

As práticas presentes nas diferentes franquias, sobretudo de auto-ajuda demonstram os desdobramentos dos mecanismos de normalização que conformam a subjetividade contemporânea, a partir da autovigilância e da adesão voluntária aos discursos que definem os estilos de vida.

Enquanto diversas instituições foram sendo construídas para encarcerar os anormais indisciplinados, a obesidade e a intemperança alimentar recolocaram na sua produção enquanto discurso social novas formas de correção moduladas pelo poder. As academias, as cirurgias plásticas, os cosméticos, os remédios, o apelo insistente à ginástica, (*The Challenge Day, Virada Esportiva de São Paulo*) ou as terapias de grupo são utilizados como tecnologias que visam dar forma e equilíbrio ao corpo.

Cabe ressaltar, as nuances da vida biológica constituem critérios para os novos agrupamentos humanos que conformam grupos de interesses específicos, sobretudo no campo da saúde. Os pacientes aglomerados em torno de doenças comuns e suas necessidades de saúde se identificam e se inserem por meio do grupo, numa estratégia particular que permite o reconhecimento das agruras e das possibilidades de luta e ação sobre si. Entretanto, na luta pela saúde os mecanismos normalizadores emitem ordens para a gestão autônoma do próprio corpo, capturando as resistências constituídas pela ação do paciente sobre sua própria condução (ORTEGA, 2004).

As resistências à forma física definida como saudável, bela e normal segundo os parâmetros normativos produz ao mesmo tempo a exclusão e induz a reforma. Na esteira do higienismo que se tornou celeuma social, o programa dietético e corretivo dos VP confirma um conjunto de controles sociais que utiliza da incitação à pureza e do zelo corporal critérios que informam identidades e gerem a vida social.

Nas preocupações com o peso corporal, como referencia para o emagrecimento circulam enunciados com valor de verdade sobre a condição de saúde dos indivíduos, que coagem a conduta ao viver bem, aos hábitos administrados.

Basta destacar a preocupação crescente com a dieta nas representações e nas práticas; um vasto saber que desvela sobre os componentes químicos e físicos que compõe os alimentos, o apelo insistente

a escolha de uma racionalidade nutricional sempre mais difundida e baseada nos discursos mais heterodoxos, da pesquisa genética em busca do conhecimento das predisposições para prevenir um futuro que se dá antemão ao conhecimento, ao cálculo dos comportamentos e do estado nutricional da população e seus riscos as doenças, adentrando na pauta das políticas públicas que adverte a população cada vez mais longe da fome e mais próxima da ingestão hipercalórica e do sedentarismo.

A dieta e a tendência ao desvio do peso normal aparecem como um perigo de ampla repercussão na incitação discursiva científica como a cardiologia, a nutrição, a psicologia, estabelecendo a correlação entre as medidas do corpo, os riscos a saúde e a necessidade de transformação do paciente. Neste sentido a especificidade dos Vigilantes do Peso é parte integrante de um dispositivo que engloba um conjunto heterogêneo de práticas e discursos modelares dos efeitos de poder na produção de subjetividades.

Ao seguir a metodologia corretiva semelhante aos Alcoólicos Anônimos (AA), os VP não utilizam especialistas provenientes de áreas do conhecimento científico, mesmo que não se dissocie da circulação dos seus saberes e técnicas. São os próprios associados, cujos corpos foram disciplinados, que viabilizam o desempenho da prática do programa. É um mundo em que os especialistas parecem perder sua função tradicional.

Dentro desta acepção, os VP podem ser observados como dispositivos que se organizam em torno de uma *auto-atuação* do indivíduo sobre o controle de seus impulsos e compulsões, sem, no entanto, penetrar em suas causas profundas. Eles são espelho inquietante dos modernos santuários pentecostais, que proliferam em busca de novos fiéis. Com suas portas sempre abertas, os VP oferecem meios de transformação corporal, permitindo ao associado gerenciar seu próprio tempo, suas atividades, seu peso, sua alimentação e todos os cuidados com o seu corpo. Um estilo de vida saudável adquirido por seguimentos das classes médias, que dispõe de recursos para vincular-se ao programa, e para adequar seu consumo alimentar as suas prescrições.

São como as academias de ginásticas que lapidam o corpo, embora não usam exercícios repetitivos e exaustivos, mas sim uma reforma dos hábitos e um monitoramento estrito dos atos alimentares através da confissão dos

êxitos e fracassos frente ao autocontrole. O mecanismo por excelência da conversão corporal do obeso é a confissão. Por meio da confissão, o obeso pode ver-se no espelho e ver a razão e a dimensão de sua falta.

Os VP semanalmente se encontram em reuniões nas quais a confissão objetiva a reeducação dos hábitos alimentares. O próprio associado em suas participações é incitado a falar o que os quilos a mais trazem de mal a ser corrigido, e o que leva a buscar a instituição. As reuniões são dirigidas em tópicos variados que motivam a adesão ao programa, permitindo no decorrer do processo emagrecedor a reabilitação física e social.

Primeiramente, os VP articulam um discurso sobre a compulsão, o vício e as agruras que levam os “gordos” a exageradas ingestões de alimentos. O segredo do sucesso do emagrecimento demanda seguir uma dieta ao mesmo tempo diversificada e contabilizada nos critérios de “cotas diárias de pontos”, que regula em relação ao peso corporal a quantidade de alimentos a ser ingerida.

Os livros produzidos pela organização, distribuídos e vendidos em todas as franquias dos VP espalhadas no mundo indicam receitas e dicas alimentares que levam ao controle dos prazeres gustativos, dimensionando o ato de comer. As medidas dos alimentos são associadas aos objetos, ou ao próprio corpo, e de maneira simples podem evitar o problema do erro dos cálculos. Uma laranja pequena vale um ponto, uma fatia fina de queijo branco um ponto, a bola de tênis permite mensurar o tamanho de uma fruta, a mão aberta permite visualizar na palma o tamanho de um pedaço de carne.

As prescrições do programa compõem um conjunto de pequenas cartilhas que reforçam um fervor pela comunhão controlada e asséptica com o alimento. São doze livros básicos que sugerem doze passos para a obtenção de um emagrecimento saudável e um corpo dentro dos critérios desejáveis.

De outro lado, o acompanhamento do IMC, critério que qualifica o associado a permanecer no programa ou obter vigilância autônoma. Aptos na atuação sobre si experimentam o reconhecimento da superação nas medidas corporais e são liberados do programa. Quando o peso ideal é atingido não precisam frequentar as reuniões, podem exercer a sua liberdade condicionada a vigiar o próprio corpo e sua relação com o alimento.

Cada associado possui seu “Boletim semanal de frequência”, com um número de registro, uma meta temporária e o objetivo final em relação ao IMC. Cada semana o associado tem o selo da empresa colado em seu boletim atestando o pagamento e a frequência ao serviço. O boletim é composto de vinte e quatro semanas e descreve o registro do peso e altura na primeira semana de adesão ao programa, e nas subsequentes o peso atual, as perdas e os ganhos de peso semanal em gramas e quilos.

As mensurações são gratuitas e aqueles que não alcançam a meta estabelecida para a semana pagam a frequência e se dirigem as reuniões. Nessas reuniões o orientador traz as palestras temáticas, com elementos para motivar à transformação através da incitação a confissão dos participantes.

Esses dois procedimentos, o monitoramento do peso e a representação confessa de si entrelaçam, e identificam a instancia que corrige as evidências de resistência ao controle da compulsão alimentar, expresso no aumento de peso e na exposição pública do relato diário de suas recaídas frente ao alimento.

Desta forma, os VP acionam nas apresentações e narrativas o poder de emitir ordens sobre seus comportamentos, regulando a manifestação dos padrões sociais expressos na oralidade que reforça os valores comuns; o uso da expressividade da confissão reverbera efeitos naqueles que emitem.

A confissão é uma prática que coage o sujeito a ter sobre si mesmo, suas ações, seus pensamentos, seus desejos um discurso verdadeiro através do qual se obtém a consciência de si, a identidade, as certezas daquilo que afeta sua própria condução num contexto específico de incitação, obediência e transformação. Conforme Foucault (2005a), este ritual nas sociedades ocidentais constitui um fator de individualização e de obediência concernida a regerar a conduta num contexto de relações de poder que a conduz.

As reflexões de Foucault (1989) são sugestivas para explorar as peripécias do poder sobre o corpo, e seus efeitos sobre a subjetividade engendrada no modo corretivo moderno. O corpo para Foucault (1989) é o local de incidência do poder, local onde as resistências acontecem, onde o desejo é subjugado, onde a vontade de poder se inscreve profundamente.

O corpo é ao mesmo tempo sujeito e objeto de relações, campo em que o poder e o saber travam uma luta rumorosa pela sujeição e pela liberdade. Luta incessante que se revela em singularidades corporais.

Nos relatos da vida, nas confissões produzidas, nos exames, nas disciplinas, nas normalizações, nos prontuários, nos registros médicos, no cuidado de si, nas contagens biopolíticas o corpo é vetor, foco e estratégia. Na corporalidade, passam as estratégias de submissão e as esperanças da liberdade. O corpo é o *ponto arquimediano* dos desejos, é a contra-face perigosa do poder. Nossas verdades, nossa história, nossa dor, nossa identidade estão para o corpo como a soberania está para o corpo do soberano (FOUCAULT, 2005a).

Na modernidade a utopia panóptica, os mecanismos disciplinares, os dispositivos de contenção das massas colocam o corpo dentro de regras estritas. Os impactos gerados através do desenvolvimento das novas tecnologias do poder conectado ao contexto histórico atuam na organização e no gerenciamento, bem como, na produção de saber sobre o corpo.

Desde o fim dos suplícios públicos como investimento do poder soberano sobre o corpo do condenado, Foucault (2006a) observou a paulatina emergência das tecnologias corretivas que se manifestaram no decorrer da modernização industrial, investindo sobre uma subjetividade controlada. Os discursos humanistas que vincularam a partir do século XVIII o alerta de não deixar morrer, mas dizer como viver compõe a tônica às novas formas de adequação social.

Constrói-se o corpo dos reis, dos soldados, dos trabalhadores, das mães, em sua singularidade de acordo com o que se deseja para a população. Corrigem-se seus desvios ou suas propensões ao delito, alocando no corpo um onipresente “eu vigio” que regula a vida e rege as populações.

E em um jogo interativo entre duas instâncias normalizadoras – disciplina e biopolítica – ocorrem à regulação das massas populacionais e a disciplina do corpo, em sua unidade fisiológica. Através da unidade corporal, os “casos” expressos em relatórios e prontuários, agenciam os meios para o exame das aptidões e reconhecimento de si na sociedade (FOUCAULT, 2005a).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preocupação contemporânea com o corpo define variados estilos de vida cuja adequação revela a face do indivíduo enquanto ator da condução de sua vida, em consonância aos padrões identitários que rodeiam o cotidiano e refletem o poder que emergem dos dispositivos. Os cuidados com o corpo estão na ordem do dia assenhorando-se do homem impulsionado pelas tecnologias de poder que produzem sua materialidade e seus vínculos com o mundo.

No ritmo aconselhado pelos cuidados políticos com o corpo somos levados a todos os dias, do acordar ao dormir, desde a infância, através dos cuidados familiares, até a vida adulta, a nos preocuparmos com o corpo. E repetidamente desde o ato da ablução matinal ao que comemos nas refeições tomamos medidas que envolvem diretamente o zelo com o corpo.

Em sua encenação pública o corpo deve conter a atualidade dos aspectos que sugerem uma boa ação sobre os cuidados consigo. Nesta apropriação do corpo certas injunções passam despercebidas ao seu redor, mas as sutilezas dessas ordenações são apenas aparentes, pois sua força atua prendendo o corpo com mecanismos que o transformam, e torna cada vez mais difícil reconhecer o que realmente é o corpo.

No corpo os vestígios da prática da saúde corporal expressam o seu modo vivente, o nível social, a adesão aos grupos religiosos, de esportes ou de outro segmento qualquer. Nas dicas sobre higiene pessoal como o uso de creme dental, absorventes, cremes faciais ou os perfumes estão algumas das aparências do consumo e cuidado para uma vida feliz. E desde a água encanada da limpeza matinal, ao uso do sabonete um voluptuoso mercado se assenhoreia do corpo. Uma ampla rede de serviços tece cotidianamente as marcas do corpo, que longe de serem permanentes, se modificam encobrendo seus vestígios com o tênue matiz epitelial.

Neste contexto de atenção redobrada aos cuidados corporais, a alimentação e os exercícios físicos perfazem as páginas de cadernos especiais das revistas e jornais, ou os horários nobres dos canais de televisão. A finalidade dessa atenção, como se observa nos VP, é referente aos aspectos que buscam normalizar a saúde e adequar o corpo às formas de vivências sem riscos.

Use isto diz a revista *Vogue*, faça aquilo ecoa a revista *Contigo*. Desde os cardápios de receitas para a semana, o que usar em festas ou no trabalho, as dicas de comportamento com o chefe, o amigo, no bar e no restaurante, há sempre a orientação de como agir em nossa representação. Basta abrir as páginas dos jornais, ligar a televisão ou se conectar a Internet que diariamente sentimos o discurso de como deve ser a apresentação no cotidiano.

Durante a formação histórica da modernidade a vivência física e os cuidados com o corpo se tornaram um ato que visa cuidar da energia contida em sua singularidade, mas com finalidades direcionadas socialmente. Cada corpo é um elemento que produz, é um bem a ser administrado para que melhor seja aproveitado enquanto recurso social (FOUCAULT, 2008b).

A produção do corpo em massa e a preocupação em manter o investimento dessa produção foi o desafio para a modernidade. A necessidade de organizar a vida em grandes estados populacionais acionou tecnologias no cuidado com o corpo, que foram desenvolvidas e disseminadas para o uso e prática em larga escala social. Desde a produção alimentícia aos cuidados médicos e sanitários, o corpo é o objeto da preocupação social e da política em relação ao uso e controle das suas energias (FOUCAULT, 2008b).

E se nas suas transformações a superfície do corpo não deixa rastros, a sua história passada pode ser contada, espelhando os efeitos do poder que o dobraram para que seguisse nas medidas regulamentadas pelo poder. A confissão de si descreve modos de vida e define identidades corporais (FOUCAULT, 2005a).

Em sintonia com as formas de ordenamento sugeridas pelos meios de comunicação social, sejam através da mídia ou da oralidade, o corpo aparece como mediador da cultura e da natureza. E como vetor semântico é objeto da cultura passível de reconstrução da forma fisionômica.

Desde o final de 1960, a preocupação com o corpo se ampliou com o desenvolvimento de mecanismos que buscam dar forma à relação do homem com o mundo social. As contribuições relativas a esses mecanismos são inúmeras: o feminismo, a revolução sexual, a expressão corporal, a *body-art*, entre outras, bem como as emergências de novas terapias que atuam na correção e adequação as exigências da vida diária (LE BRETON, 2006).

Essas modalidades trazem uma nova inventiva na busca de dar cabo à clássica separação entre corpo e alma, e vislumbra uma nova etapa em busca de associação entre o homem e seu corpo. Em um mundo acelerado pelo intenso processo de relações econômicas globalizadas, a gestão da vida e as vivências do corpo aparecem como possibilidade de governo. Novas atitudes, que antes de serem expressivas no que se refere à ruptura entre corpo e espírito, podem também demonstrar um desgaste do próprio corpo.

O corpo está inserido na trama social de sentidos históricos, e em suas insurreições, nas rupturas que se instalam provisoriamente na relação física do indivíduo com o mundo, como a dor, a doença, o comportamento anormal, encontra-se sob a ação dos discursos sociais e das tecnologias de poder.

Essas ações que se apresentam nas mais diversificadas formas atuam como meio para ajustar o corpo às necessidades criadas para a sua vivência. Neste sentido os Vigilantes do Peso, através das suas práticas terapêuticas em relação aos cuidados alimentares e a construção do corpo, se torna um mecanismo para a verificação da eficácia do poder na condução do corpo no cotidiano contemporâneo. Dentro desta perspectiva, Michel Foucault auxilia a pensar as práticas do nosso presente que decidem e veiculam efeitos de poder, nos julgamentos, nas classificações, e nas obrigações diárias que delineiam a maneira certa de viver e morrer.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEM, G. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.
- AUGUSTO, M. H. O. Tecnologia em saúde no Brasil. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v.6, n. 4, p. 2-8, out./dez., 1992.
- BUENO, M. L.; CASTRO, A. L. (Org.). *Corpo, território da cultura*. São Paulo: Annablume, 2005.
- CORBIN, A.; COURTINE, J; VIGARELLO, G. (Org.). *História do corpo: as mutações do olhar: o século XX*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 109-154.
- DELEUZE, G. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FISCHLER, C. Obeso benigno, obeso maligno. In: SANT'ANNA, D. B. *Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p.69-80.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2006a.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Edições Loyola, 2008a.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. 8. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade, I: a vontade de saber*. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005a.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade, III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 2005b.

\_\_\_\_\_. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Segurança, território, população*. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. RABINOW, P. (Org.). *Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. Omnes et singulatim: uma crítica da razão política. In: \_\_\_\_\_. *Estratégia poder-saber*. Organização Manoel Barros da Motta. Tradução Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e Escritos).

GIDDENS, A. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

GILMAN, S. L. Obesidade como deficiência: o caso dos judeus. *Cadernos Pagu*, n.23, p. 329-353, jul./dez. 2004.

GOOFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

\_\_\_\_\_. *A representação do eu na vida cotidiana*. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

MAGALHÃES, B. R. *Para além da forma: impactos das práticas dos vigilantes do peso no corpo e na auto-imagem dos obesos*, Marília, SP. 2008. 153f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

MISKOLCI, R. Corpos elétricos: do assujeitamento a estética da existência. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n.3, p. 272, set/dez. 2006.

QUEIROZ, R. S. (Org.). *O corpo do brasileiro: estudos de estética e beleza*. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

ORTEGA, F. Biopolíticas da saúde: reflexões a partir de Michel Foucault, Agnes Heller e Hannah Arendt. *Interface: Comunic., Saúde, Educ.*, v.8, n.14, p.9-20, set.2003/fev.2004.

SANT'ANNA, D. *Corpos de passagem: ensaios entre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade. 2001.

SEGURADO, R. As novas tecnologias e os impactos no corpo. In: BUENO, M. L.; CASTRO, A. L. (Org.). *Corpo: território da cultura*. São Paulo: Annablume, 2005. p. 103 -118.

SOHN, A-M. O corpo sexuado. In: CORBIN, A.; COURTINE, J; VIGARELLO, G. (Org.). *História do corpo: as mutações do olhar: o século XX*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 109-154.